

Elefante retrata a decadência

Um exemplo bem nítido do que acontece com o ensino é o Centro Interescolar Elefante Branco. Tido como uma das mais significativas unidades educacionais nos primeiros 15 anos de Brasília, o educandário passou a ser execrado pela opinião pública. Atualmente, o Elefante possui mil e 800 alunos, com vaga para outros 800, e um universo constituído, na sua maioria, por estudantes do período noturno. A quase totalidade deles proveniente das cidades-satélites, e que buscam aperfeiçoamento técnico de nível médio.

A primeira vista, não se percebe a tão falada situação caótica. A crise, neste caso, fica por conta da falta de recursos para a reposição e compra de material e deficiência de pessoal docente. O Elefante Branco possui equipamentos eletrônicos, mecânicos e de escritório, divididos em seis laboratórios, que possibilitam um aprendizado prático de boa qualidade. Segundo o diretor da instituição, Roldão Sales Lima, muitos parecem não saber da real situação do colégio.

ADMINISTRAÇÃO

Para ele, a procura por determinadas unidades escolares públicas em maior escala que outras, prende-se principalmente, ao fato administrativo. Outros estabelecimentos geridos pelo mesmo GDF apresentam situação bem mais crítica que a do Elefante, apesar das condições financeiras semelhantes. Escolas como Polivalente e Setor Leste, cuja procura por matrícula chega a superlotar as salas de aula, contrapõem-se a outras como o Caser, que abriga um ensino de baixa qualidade.

Todas essas facetas encontrariam uma razão no aspecto gerencial, diz Roldão. A diferença é que com as recentes determinações nesta década, o Governo passou a incentivar um ensino técnico de 2º grau, o que não interessa à classe média. Estes querem o filho graduado em uma universidade: "Nesse ponto é que eles se dirigem às escolas privadas". O público do ensino oficial passou a ser outro: o interesse é daquele que trabalha e quer aperfeiçoar-se ainda na fase secundária. Não há espaço para preparatórios do vestibular.

Por outro lado, João Avila afirma que os pais estão pagando a escola particular com o salário e a pública através de impostos. Com essa divisão de recursos, ambos os setores acabariam prejudicados. Mas, no primeiro caso, trata-se de uma opção; no segundo, uma imposição. A rede privada vive também uma crise, de ordem didática e pedagógica, apesar da existência dos recursos.

ILLUSÃO

Sem alternativa no sistema particular, que direciona seu repasse de conhecimento em função do vestibular, e no oficial, que não possui verbas para melhor qualificá-lo, os pais escoraram-se na boa administração das empresas do ensino privado. Novamente a gerência como ponto de distância entre ambas as redes. Enquanto uma faz crer que a educação oferecida é de boa qualidade — mas na realidade é apenas simulação — outra vence a fama de um ensino ruim — para os que buscam a graduação universitária.